

QUESTÕES SOBRE A METÁFORA: DEFINIÇÕES E DISCUSSÕES

Alice Maria de Araújo Ferreira¹

RESUMO: Propomos no trabalho discutir a metáfora, adu-
lada ou banida das terminologias científicas, ela é objeto
de numerosas definições e considerações. Entre os que es-
timam que a metáfora é perigosa e nociva para o discurso
científico e os que acreditam que ela libera o pensamento
articulando o discurso científico, assistimos a um verdadeiro
debate de posições. Torna-se então importante re-avaliar
as conseqüências de cada uma dessas posições. Em um
segundo momento, propomos uma discussão sobre o uso da
metáfora nos discursos científicos enquanto possibilidade
de nova percepção do sensível e/ou como função didática-
explicativa.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora, discurso científico, termi-
nologia

ABSTRACT: In this article we intend to discuss meta-
phor. Being either worshipped or banned from scientific
terminology, it is the object of numerous definitions and
considerations. There is a fierce debate between the ones
who believe metaphor to be both dangerous and harmful
to scientific discourse and the ones who believe metaphor
liberates thought and articulates scientific discourse. It is
then important to reevaluate the consequences of each of
these standpoints. Secondly, we intend to discuss the use
of metaphor in scientific discourse both as a possibility for
acquiring a new perception of what can be sensed and/or
as a didactive-explanatory function.

KEY-WORDS: Metaphor, scientific discourse, terminology.

¹ Professora do curso de graduação em Letras e do Programa de Mestrado em Letras: literatura e crítica literária da Universidade Católica de Goiás.

1 Introdução

A nossa contribuição para o debate de hoje propõe discutir a metáfora. Vilã das terminologias científicas, a metáfora foi objeto de numerosas definições e considerações. Os estudos terminológicos não podem fugir *ad indefinitum* da discussão sobre a presença da metáfora nos textos especializados. Entre os trabalhos mais relevantes, podemos citar os artigos da Professora Maria Aparecida Barbosa que, com a etno-terminologia enquanto ramo da terminologia, vê a metáfora como um termo/vocábulo fazendo parte simultaneamente da linguagem especializada e da linguagem literária. Outro trabalho que discute a metáfora e os discursos científicos é o da professora Isabelle Oliveira do Instituto das ciências cognitivas do CNRS de Lyon – França que busca a legitimidade da presença da metáfora nas línguas de especialidade pelo seu caráter explicativo e didático-pedagógico como substituta do termo especializado opaco.

Nossa reflexão se alinha nestes trabalhos e quer questionar o próprio conceito de metáfora terminológica, ou seja, até onde existe metáfora terminológica? Assim, em um primeiro momento, discutimos as diferentes definições de metáfora de maneira a levantar traços próprios dessa figura de linguagem. Essa discussão nos levou a alguns problemas epistemológicos ligados a questões semânticas e ontológicas apresentadas pelas definições de metáfora. Enfim, verificamos o uso que é feito das metáforas nos discursos de cunho científico.

2 A metáfora: definições e concepções

A metáfora foi definida inicialmente por Aristóteles em sua *Retórica* como uma comparação entre dois termos, A e B, tomados como impropriamente semelhantes entre si; e em sua *Poética* como o transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero [...] ou ainda por analogia.

Para Marchal (1980, p.116), uma expressão será metafórica à medida que os termos que ela põe em jogo pertencem a linguagens diferentes, a universos semânticos diferentes. Assim produzir uma metáfora conduz a produzir uma nova

linguagem ou uma nova prática de linguagem. Bally (s.d., p. 187) sublinhava o caráter às vezes ilógico das associações realizadas pelas analogias. Estas muitas vezes provocadas pelo aspecto cultural da linguagem que associa objetos sensíveis e noções caracterizadas como representações.

El Zaïm (1994, p.10) caracteriza a metáfora enquanto operação de denominação indireta ou mediada, usada como solução quando o termo (lexia ou sequência memorizada mais adequada, sem preocupação conotativa, para designar o referente) não existe ou não atende completamente ao que o enunciador quer dizer. Assim, para encontrar a natureza da metáfora, segundo El Zaïm (1994, p. 35), temos de ir para o nível cognitivo, origem da metáfora (percepção), e para o lugar de sua produção (conceitualização), ou seja, sair do nível da língua, da expressão, porque a metáfora é antes de tudo impressão.

Enfim, para Ricoeur (1975, p. 11), o lugar da metáfora não é o nome, nem a frase, nem mesmo o discurso, mas a cópula do verbo “ser”. O “é” metafórico significa ao mesmo tempo “não é” e “é como”. Além disso, ele salienta que se o sentido metafórico é algo a mais e é outra coisa que a atualização de um dos sentidos de uma palavra polissêmica, este uso metafórico deve ser apenas contextual, ou seja, um sentido que emerge como resultado único e fugitivo de uma ação contextual. É o próprio Ricoeur (1972, p. 98) quem distingue, assim, as mudanças contextuais de significação das mudanças lexicais que dizem respeito ao aspecto diacrônico da linguagem enquanto sistema. A metáfora é uma mudança contextual de significação.

Desde a definição retórica de Aristóteles à definição proposta por Paul Ricoeur, a metáfora, unidade ao mesmo tempo cultural, histórica e referencial, parece responder a quatro propriedades essenciais:

- **duplicação dos empregos:** um emprego metafórico M2 de uma expressão M pressupõe um emprego não metafórico correspondente a M1 da mesma expressão M (chamada próprio ou literal). Esta propriedade caracteriza a metáfora como substituta possível de um termo próprio;

- **a mudança de sentido:** o emprego M2 toma um sentido (b) diferente do sentido fundamental (a) que M possui na língua ((a) sendo o sentido próprio ou literal);
- **a hipótese da transferência:** M no seu emprego M2 muda de sentido porque foi transferido para um novo contexto C2 que não é o contexto habitual de M, C1;
- **a hipótese da similitude ou da analogia:** a similitude parece preexistir ao emprego metafórico, já que ela é situada nos referentes, sejam eles objetos, idéias, sejam percepções.

Assim, sintetizando, podemos dizer que o emprego de uma expressão M é dita metafórica se M é transferida em um contexto C2 onde ela ganha um sentido discursivo (b), ou seja, se M não foi empregada com seu sentido habitual, quer dizer, próprio ou literal (a) que ela realiza no seu contexto habitual C1.

Entre essas propriedades da metáfora, duas noções parecem apresentar problemas epistemológicos de ordem semântica: sentido próprio ou literal e contexto habitual. Estas noções são relevantes para questões terminológicas e, a nosso ver, precisam ser discutidas e questionadas. Os dois problemas se juntam na questão do referente.

3 Problemas epistemológicos da metáfora terminológica

Quando falamos em problemas epistemológicos de ordem semântica, referimo-nos à questão do semantismo da metáfora terminológica. Quanto ao semantismo do termo, já muito se discutiu em terminologia: desde a Teoria Geral de Terminologia, que via o termo monossêmico e monorreferencial, às teorias comunicativas e funcionais que já sublinharam a negociação e renegociação do semantismo do termo nas diferentes comunicações especializadas; já se apontou para a existência das variantes, para a parassinonímia do termo nas concepções socioterminológicas. Entretanto pouco se discutiu e discute sobre isso, ou melhor, toda vez se volta à velha controvérsia entre as duas grandes tendências filosóficas sobre as questões semânticas: a tendência referencialista pragmática, de cunho metafísico, e

a retórica-interpretativa, fundamentada na hermenêutica. Acreditamos que a discussão sobre a metáfora terminológica, mais do que nunca, nos convida a esta discussão, já que sua definição se fundamenta na dicotomia sentido próprio e sentido figurado.

Essa questão aponta para uma debate decisivo nos estudos da linguagem que Pietroforte e Lopes (2001, p. 113) formulam nos seguintes termos:

“[...] devemos tomar a segmentação do mundo em classes como qualquer coisa de ordem do ‘já dado’ ou do ‘construído’? Em outras palavras, seria a estruturação do mundo em categorias algo previamente constituído nas próprias coisas ou dependeria ela das diferentes maneiras de olhar para o mundo?”

A semântica foi uma das últimas disciplinas a integrar as questões linguísticas tendo seu maior desenvolvimento no século XX. Temos hoje uma semântica do referente desenvolvida na esteira de Carnap e Frege, na qual podemos reconhecer a tradição lógico-gramatical fundamentada na metafísica dominante no mundo ocidental desde os antigos gregos (Aristóteles), passando pela escolástica na Idade Média, pela lógica de Port Royal na Idade Moderna, até a pragmática atual. Essa tendência acredita que as palavras remetem aos conceitos e que estes representam as coisas. Essa vertente postula um mundo em si acessível ao homem a partir do discurso denotativo-científico.

A outra tendência, retórica-interpretativa fundada na hermenêutica, em vez de examinar as relações linguagem-coisas, prefere estudar o fazer persuasivo e o fazer interpretativo nas relações entre o que se diz e como se diz. A tradição retórico-interpretativa (herdeira da arbitrariedade do signo de Saussure) concebe a produção de sentido como fenômeno humano. Não se postula com isso que o mundo físico não exista fora da linguagem, mas que nossa relação com ele se dá na e pela linguagem e é então na linguagem e nos discursos que devemos encontrar o sentido.

Assim, no caso da noção de sentido próprio, estamos diante da volta da ilusão platônica da justeza dos nomes, e essa só pode ser concebida dentro de uma tradição lógico-gra-

matical pragmática. Nietzsche denunciou essa ilusão quando disse: “[...] as próprias palavras da linguagem humana durante muito tempo pareceram (e ainda parecem hoje ao povo) não serem signos, mas verdades relativas às coisas que elas designam”² (1885, *apud* KOFMAN, 1972, p. 122). Tal palavra denotaria uma representação natural e direta. Por isso, nessa tradição filosófica, uma palavra é dita própria quando atinge diretamente a coisa. Assim, para alguns teóricos (e pensamos aqui em particular em Cohen (1966, p. 205) quando diz: “A metáfora poética é a passagem da língua denotativa à língua conotativa, passagem obtida pelo rodeio de uma palavra que perde seu sentido no nível da primeira língua, para reencontrá-lo no nível da segunda”³), existe uma linguagem neutra cujo modelo é a linguagem científica que chega às coisas, e uma linguagem metafórica cujo modelo é a linguagem poética que se afasta das coisas.

O problema do sentido próprio se junta à questão do referente, em que se busca o sentido no “mundo em si”. A definição da metáfora terminológica acaba nos levando para uma definição referencialista, em que a expressão é vista como metáfora quando se afasta do referente. Ora, é válido, filosoficamente, nos perguntarmos se temos acesso a esse “mundo em si”, ou seja, se temos acesso ao sentido próprio.

Nossa proposta de discussão não é nem pós-moderna ao ponto de negar o sentido próprio, nem metafísica ao ponto de acreditar nele. Nossa discussão se situa no plano da linguagem, e as terminologias e comunicações especializadas, técnico-científicas são linguagens enquanto construções linguísticas do mundo.

Assim, lembrando Kerbrat-Orecchioni (1977), o que vem a ser a verdade senão uma forma de considerar a realidade inserida no momento histórico, num determinado estágio das descobertas científicas, num determinado local geográfico, enfim, numa cultura partilhada pelos indivíduos? Se se aceitar a relatividade da verdade, a ideia clássica que

2 «[...] les mots même du langage humain ont longtemps semblé (et semblent encore aujourd'hui au peuple) n'être pas des signes mais des vérités relatives aux choses qu'ils désignent» (NIETZSCHE, 1885, p. 112, *apud* KOFMAN, 1972, p. 122) (tradução nossa).

3 “La métaphore poétique est passage de la langue dénotative à la langue connotative, passage obtenu par le détour d'une parole qui perd son sens au niveau de la première langue, pour le retrouver au niveau de la seconde » (COHEN, 1966, 205).

remonta a Aristóteles – segundo a qual existiria uma lógica cujas proposições se baseariam num valor de verdade independentemente da natureza particular da enunciação (sujeitos, momentos, enfim, condições de produção do discurso) – não teria lugar nos enunciados das línguas naturais, nem mesmo naqueles que enunciam as “ditas verdades universais”, pois, mesmo estes se ligam à enunciação, à natureza dos participantes da comunicação verbal e de sua situação no espaço e no tempo.

Assim acreditamos que na questão da dicotomia o sentido próprio/sentido figurado deve ser visto mais em termos de sentido convencionalizado/sentido original do que na sua relação com a coisa. É no ato de denominação que relacionamos o termo à coisa. A metáfora seria um momento conceptual pré-terminologização. Porque uma vez que ela passa a designar um conceito próprio (função denominativa e/ou nominativa) e que seu uso em discursos especializados se normatiza com a repetição da mesma expressão designando o mesmo conceito, a mesma concepção ou a mesma coisa (função cognitiva), em comunicações especializadas (função comunicativa), ela deixa de ser metáfora terminológica e passa a ser um termo, uma nova denominação. Portanto é válido nos perguntarmos: até que ponto existe metáfora terminológica?

Tanto a *metáfora terminológica* que se materializa verbalmente pelo enunciado de uma língua de especialidade, quanto a *metáfora conceptual*, estruturada no pensamento humano (LAKOFF; JOHNSON, 1985) são dois usos (cognitivo e linguístico) da mesma faculdade e do mesmo poder mediador entre o inteligível e o perceptível. Ambas estruturaram sistemas conceptuais a partir do que compreendemos e percebemos do mundo e da forma como agimos nele.

Neste sentido não se trata de questionar filosoficamente a existência do *em si* do mundo, mas da percepção linguística terminológica que temos dele. Assim, sentido próprio e sentido figurado são noções funcionalmente históricas representando momentos diferentes da conceptualização e modelização científica, em que o sentido figurado (a metáfora) é anterior e seu uso o torna convencionalizado, então, próprio. Ou seja *uma metáfora terminológica* totalmente lexicalizada,

convencional, imperceptível, aprovada socialmente, reconhecida como pertinente para a comunidade científica, passa a veicular um sentido próprio ao mesmo título que o termo altamente científico. Podemos dizer que este tipo de metáfora aspira a um ideal de intelectualização, a uma sistematização conceptual e a uma neutralidade emotiva. Assim, uma vez convencional, com função semântica denotativa, perde suas características de metáfora para ser termo.

Isso remete à distinção feita por Bachelard em *A poética do espaço* (1971) entre metáfora e imagem poética. No seu modo de ver, a metáfora vem dar corpo concreto a uma impressão difícil de exprimir, mas, como produto de racionalizações, se presta a explicar uma observação da realidade sensível. Deveria ser um “acidente de expressão”, mas o que ocorre é que ela se repete, dado o seu caráter explicativo, finalizando um enunciado, embrutecendo a imagem que a constitui, fazendo-a perder sua espontaneidade. A imagem poética, “proveniente da consciência sonhadora”, pelo contrário, é um convite, um convite ao devaneio. Somente através do sonho vamos ao encontro de uma “imagem viva”, já que, muitas vezes, de início, ela nos surpreende, causa estranhezas, provoca buscas... “A imagem poética não está submetida a um impulso. Não é o eco de um passado. É antes o inverso: pela explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos”.

A metáfora que não se terminologiza no discurso científico pela repetição do seu uso (não lhe atribuindo sentido próprio) é uma imagem poética. E, talvez, aceitar a imagem poética no discurso científico e negar a diferença de gêneros literários e científicos seria uma concepção pós-moderna demais para a terminologia.

4 A presença da metáfora nos discursos científicos

Quanto às considerações sobre a presença da metáfora e sua legitimidade nos discursos científicos, três tendências aparecem:

- a metáfora não tem nada a ver com a modelização científica (HOBBS, 1651);

- a metáfora precede a modelização científica (BACHELARD, 1971);
- a metáfora equivale ao conceito (NORMAND, 1976).

A primeira posição é consequência de uma perspectiva referencialista e metafísica: o campo científico é o campo do literal (objetivo, realista). Tendência defendida por Wüster na TGT que considera a metáfora uma entidade não racional tendente às representações vagas e de tipo subjetivo, desprovidas de rigor científico e, portanto, portadoras de ambiguidade. Considera-se indesejável o uso de metáforas nos discursos científicos ou técnicos, vistas exclusivamente como simples jogos da linguagem que servem para criar efeitos estéticos agradáveis, quando observadas a partir da visão aristotélica de ornamento na poética e de persuasão na retórica

A segunda tendência é uma posição teórica orientada pela desconfiança do discurso de opinião e de poderes “mágicos” que teria a metáfora. Bachelard (1971) vê a metáfora como “um acidente expressivo” do momento da conceptualização que deve tender a se convencionar e deixar de ser metáfora para se terminologizar.

Enfim, a terceira posição liga a metáfora e o modelo científico. Essa última posição teórica assimila a segunda, pois nos diz Molino (1979, p. 87):

É verdade que o conceito constantemente se modifica e se retifica, mas sempre em relação a um campo anterior cujas origens estão mais ou menos estritamente ligadas aos sentidos pré-científicos do termo: as analogias têm um papel inegável na gênese do conceito. Mas uma questão mais grave se coloca: um conceito pode se refinar completamente, conquistar esta transparência absoluta que o corta de todas as aderências semânticas veiculadas pela palavra e toda a sedimentação de suas significações anteriores, das remissivas múltiplas aos campos precedentes no qual se inseria o conceito?⁴

4 « Il est vrai que sans cesse le concept se modifie et se rectifie, mais toujours par rapport à un champ antérieur dont les origines tiennent plus ou moins étroitement aux sens pré-scientifiques du terme : les analogies jouent un rôle indéniable dans la genèse du concept. Mais une question plus grave se pose : un concept peut-il s'épurer complètement, conquérir cette transparence absolue qui le coupe de toutes les adhérences sémantiques véhiculées par le mot et toute la sédimentation de ses significations antérieures, des renvois multiples aux champs précédents dans lesquels s'insérait le concept? » (MOLINO, 1979, p. 87).

Não, podemos responder, por isso acreditamos que uma epistemologia centrada sobre o semantismo das metáforas terminológicas ganha pertinência. É bom lembrar que é comum a transferência de termos de um campo de saber para outro. Neste caso, podemos dizer que a metáfora se apresenta como uma passagem, uma etapa da conceitualização para a terminologização, reafirmando assim o seu caráter de mudança contextual lembrado por Ricoeur.

O tipo de metáforas de que a ciência se serve é considerado pelos linguistas como “metáforas mortas” e, por isso mesmo, já com tendência à literalidade e à denotatividade, uma vez que teriam perdido todo valor de surpresa, imagem e expressividade, características da linguagem metafórica (CORACINI, 1991, p. 133).

Sua presença nos discursos técnico-científicos revela uma nova concepção:

A metáfora terminológica, longe de ser uma simples maneira de falar, ela é essencialmente uma maneira de pensar. Sem dúvida é um empréstimo imagético, mas uma vez que esse empréstimo está re-investido em uma prática social, uma vez que sua significação é regulada pelos atores que agem no quadro desta prática, ela se torna a expressão de um novo conceito (ASSAL, 1994 *apud* OLIVEIRA, 2008)⁵.

Nesta ótica, a função essencial da metáfora nos discursos científicos consiste em criar uma metalinguagem que permite trazer um novo olhar sobre o objeto observado. No âmbito da fenomenologia hermenêutica, o emprego da metáfora terminológica implica uma outra maneira de pensar e de ver o objeto de descrição. Aqui a metáfora abre novos horizontes de percepção alargando o campo da experiência. Esta modifica o nosso conhecimento do mundo e permite descobrir um ou mais aspectos da realidade. A metáfora torna-se, assim, um conceito, uma expressão diferente de traduzir a realidade ou uma experiência.

5 La métaphore terminologique est loin d'être une simple façon de parler, elle est essentiellement une manière de penser. Certes elle est un emprunt imagé, mais une fois que cet emprunt est réinvesti dans une pratique sociale, une fois que sa signification est réglée par les acteurs agissant dans le cadre de cette pratique, elle devient l'expression d'un nouveau concept (ASSAL, 1994, *apud* OLIVEIRA, 2008).

A metáfora também parece ter uma função didática nos seus usos nos discursos científicos. Quando a metáfora é vista não como construção de um novo conceito, de um novo olhar, mas como substituta de um termo, seu uso se deve a uma intenção didática que permite a visualização do conceito. Isabelle Oliveira (2008) nota o impacto da metáfora nos discursos científicos do domínio de aplicação da cardiologia, porque, diz ela, “[...] permite simplificar noções complexas dispondo de um potencial imaginado e evocativo forte dentro da representação dos conceitos”. Aqui a metáfora passa a ser explicativa, compensa as lacunas da linguagem científica que não torna o conceito papável. A autora acrescenta: “[...] a metáfora ‘coração em tamanco’ recorre à memória visual introduzindo um aspecto lúdico, ela é muito menos rebarbativa do que um termo altamente científico como ‘hipertrofia ventricular direita’”. O aspecto ornamental da definição aristotélica é recuperada para sua função didática e explicativa. A metáfora não serve para dizer uma nova coisa ou um novo conceito, mas para dizê-lo de maneira diferente, de maneira mais lúdica, diz ela, “[...] tornando-os mais atraentes e acessíveis”.

Considerações finais

Enfim, o que podemos observar sobre a metáfora nos discursos científicos ou a chamada metáfora terminológica é que:

- (1) se existe metáfora no discurso científico, ela é antes de tudo contextual e não lexical (lembrando aqui a distinção entre metáfora contextual e metáfora lexical apontada por Ricoeur) e, assim, fugitiva;
- (2) ela se apresenta como momento pré-científico da conceptualização. Enquanto signo, no sentido saussuriano, ela ganha um sentido próprio quando convencionada no universo discursivo em que é usada e pelos membros da comunidade que a utilizam, deixando assim de ser metáfora para se tornar termo (denominação de um conceito).
- (3) e, enfim, que não podemos confundir-la com a imagem poética (confronte a distinção de Bachelard entre metá-

fora e imagem poética), o que inviabilizaria a diferença de gênero entre discursos literários e científicos.

Referências

ARISTÓTELES. **Arte poética**. Tradução Eudoro de Souza. São Paulo: Ed. Abril, 1973. (Coleção Os Pensadores).

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Tradução Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

ASSAL, J. et al. **Le diabete sucré: reconnaltre,comprendre, traiter**. 2. ed. Marseille: Malloine, 1994. In: OLIVEIRA, I. **Legitimidade da metáfora em língua de especialidade**. Institut des Sciences Cognitives – CNRS Lyon. Conferência proferida na FFLCH/USP em 15/04/2008.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico – contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. 2. reimp. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Rio de Janeiro: Editora Eldorado, 1971.

BALLY, C. (1909). **Traité de stylistique française I**. Heidelberg: Winter, s.d.

BARBOSA, M. A. Terminologização, vocabularização, cientificidade, banalização: relações. **Acta Semiotica et Lingüística**, São Paulo, v. 7, p. 25-44, 1998.

_____. Estrutura e formação do conceito nas línguas especializadas: tratamento terminológico e lexicográfico. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, 58, São Paulo: FFLCH-USP, v. 4, n. 1, 2004.

COHEN, J. **Structure du langage poétique**. Paris: Flammarion, 1966.

CORACINI, M. J. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência**. São Paulo: Educ; Campinas: Pontes, 1991.

EL ZAÏM, A. G. Métaphorisation; 5ème chap. de la thèse: **Représentation morphodynamique du sens linguistique; Perception, conceptualisation, énonciation**. 1994. Disponível em: <<http://www.canti.com/these/part3chap5elzaim.doc>>. Acesso em: 24 jul. de 2008.

GREIMAS, A. J. **Semiótica do discurso científico**. Da modalidade. Tradução Cidmar Teodoro Pais. São Paulo: DIFEL-SBPL, 1976.

HOBBS, Thomas. **O Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. 4ed. São Paulo: Nova Cultural, 1998. (Col. Os pensadores).

JONGEN, R. La métaphore comme éponyme et comme prédication d'identité. In: JONGEN, R. (Org.). **La Métaphore**: approche pluridisciplinaire. Saint Louis: Université de St. Louis, 1980.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **La connotation**. Lyon: P.U. de Lyon, 1977.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. Rhétorique et pragmatique: les figures revisitées. **Langue française**, n. 101. **Les figures de rhétorique et leur actualité en linguistique**. Paris: Larousse, 1994..

KOFMAN, S. **Nietzsche et la métaphore**. Paris: Payot, 1972.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras; Educ, 2002.

_____. (1980) **Les métaphores dans la vie quotidienne**. Paris: Editions de Minuit, 1985.

MARCHAL, P. Discours scientifique et déplacement métaphorique. In : JONGEN, R. (Org.). **La Métaphore**; approche pluridisciplinaire. Saint Louis: Université de St. Louis, 1980.

MOLINO, J. Métaphores, modèles et analogies dans les sciences. **Langages**, n. 54: La métaphore. Paris: Larousse, 1979.

NIETZSCHE, F. **Le crépuscule des idoles ou comment philosopher à coups de marteau**. In: KOFMAN, S. **Nietzsche et la métaphore**. Paris: Payot, 1972.

NIETZSCHE, F. **Sur la vérité et le mensonge au sens extramoral**. (1873) Paris, Actes Sud, 2002.

NORMAND, C. **Métaphore et concept**. Bruxelles, Edition Complexe, 1976.

OLIVEIRA, I. **Legitimidade da metáfora em língua de especialidade**. Institut des Sciences Cognitives – CNRS Lyon. Conferência proferida na FFLCH/USP, 15/04/2008.

PAIS, C. T. Aspectos de uma tipologia dos universos de discurso. **Revista brasileira de linguística**, São Paulo, v. 7, p. 43-65, 1984.

PIETROFORTE, A. V. S.; LOPEZ, I. C. A semântica lexical. In: FIORIN J. L. (Org.) **Introdução à linguística**. Vol II. São Paulo: Contexto, 2001.

RASTIER, F. **Sémantique et recherches cognitives**. Paris: PUF, 1991.

RICOEUR, P. La métaphore et le problème central de l'herméneutique. **Revue philosophique de Louvain**, Louvain: Éditions de l'Institut Supérieur de philosophie, quatrième série, n. 5, tomo 70, 1972.

RICOEUR, P. **La métaphore vive**. Paris: Seuil, 1975.